





62

# ADVISORY

JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA

'Managing Partner' da Vieira de Almeida e Associados

## "É possível dar a volta à banca"

O líder da VdA faz um balanço positivo da atividade durante este ano e não espera surpresas na economia e na política em 2017.

Filipe Alves

falves@jornaleconomico.pt

O 'managing partner' da VdA acredita que a estabilidade política e económica deverá manter-se no próximo ano e não espera grandes mexidas no mercado da advocacia, apesar de pensar que o futuro passa pela consolidação entre escritórios. À frente de uma sociedade com forte presença no sector bancário, João Vieira de Almeida acha que será possível uma "solução de mercado" para limpar os balanços e reforçar os rácios de capital da banca nacional, sem impacto no défice e na dívida pública.

**Que balanço faz de 2016, no que toca à actividade da VdA?**

Faço um balanço muito positivo, por várias razões. É o primeiro ano em que funcionamos já com todas as pessoas que se juntaram ao nosso projecto, vindas de outros escritórios. É também o primeiro ano em que temos o arranque do nosso projecto de internacionalização a sério, obtendo uma excelente resposta que correspondeu perfeitamente aquilo que pretendemos. É o ano em que vimos esse projecto de internacionalização e esse esforço imediatamente refletidos: fomos a primeira firma portuguesa a ser nomeada para o prémio de melhor firma pan-africana. Este reconhecimento também já reflete a integração dos novos sócios [vindos da Miranda]. É o ano em que vemos pela terceira vez uma pessoa da VdA indicada como "advogado mais inovador da Europa". É o ano em que, acho, temos as pessoas satisfeitas, tran-

quilas e motivadas com o projeto. Integraram os novos sócios e vários advogados vindos da Miranda. Prevê novas integrações num futuro próximo?

Estamos muito apostados no crescimento orgânico; sempre foi a nossa linha estratégica potencial de crescimento, que para nós é a que melhor preserva a cultura da firma, que para nós é fundamental. Mas acho perfeitamente possível que ainda este ano ou no próximo ano haja mais um dois sócios que possam integrar o escritório. Não estamos a contar integrar escritórios.

**Há quem considere que no mercado português só há espaço para dois ou três escritórios. Concorda?**

Oiço dizer isso há muito tempo e eu próprio defendo essa tese, mas não consigo situá-la no tempo. Acho que é possível que isso venha a acontecer, mas neste momento temos três escritórios bastante fortes ligados ao mercado, e o meu desejo é que esta situação não se altere. Acho que é importante a concorrência: estimula-nos uns aos outros. É importante que haja escritórios que possam posicionar-se nos diversos lados de uma transação.

**Em termos de expectativas para 2017, que áreas práticas pensa que se vão distinguir? E no escritório? E no mercado?**

Não me parece que vá haver grandes mudanças em 2017 – dependendo também daquilo que acontecer no cenário político. Mantendo-se as coisas como estão, sendo aprovado o Orçamento do Estado e não havendo grandes novidades de Bruxelas e no plano político interno, desde que não haja, enfim, grandes "trambolhões", penso que não haverá grandes diferenças.

**Acha que a "Geringonça" se vai aguentar?**

Acho que para 2017, sim; não vejo outra alternativa para a aprovação do Orçamento do Estado. Não faço prognóstico a médio prazo; para já, acho que sim, que se aguenta. Acho que na equação custo-benefício, uma eventual queda do Governo, os partidos que compõe neste momento a coligação chegam rapidamente ou já terão chegado à conclusão que mais vale viabilizar o orçamento. Dentro dos compromissos que têm sido feitos, e habilmente feitos, provavelmente mais habilmente até do que muita gente pensava e mais eficientemente.

**O vosso escritório tem uma presença muito forte na área da banca e setor financeiro. Como é que o Governo tem tentado resolver o problema da falta de capital da banca nacional? E a venda do Novo Banco?**

No caso do Novo Banco não me pronuncio. Estamos diretamente envolvidos [como assessor]. No caso da Caixa é fácil de constatar, como toda a gente, que se esperava uma solução um bocado mais fluida, mas penso que neste momento não vale a pena estar a repisar esse ponto. Acho que o que interessa é que a solução está a avançar e ainda vai avançar e acho que estão reunidas as condições para se poder dar ali uma volta à Caixa. Tal como acredito que é possível dar uma volta à situação da banca em geral, que é uma situação que preocupa toda a gente, mas penso que é possível construir soluções, sem impacto no défice, para resolver o problema das imparidades dos ativos.

**Que tipo de soluções?**

Acho possível uma solução de mercado. ■



João Vieira de Almeida acredita que os partidos que apoiam o Governo deverão manter a estabilidade.

## "Vejo mal que um juiz se exponha"

Susana Albernaz

salbernoz@jornaleconomico.pt

**O que pensa da recente entrevista do juiz Carlos Alexandre?**

Vejo mal, vejo mal. Não tenho problema nenhum em dizer isto, vejo mal que os magistrados se exponham pois não vejo necessidade nenhuma que o façam. Percebo que o possam fazer em circunstâncias excecionais em que uma intervenção pública seja necessária para esclarecer, ou opinião pública, relativamente a algum aspeto fundamental ou de

algum revés ou do sistema, mas neste caso não acho que tenha sido esse o âmbito ou o objetivo, na intervenção. Uma vez decidido dar a entrevista, depois é difícil fugir de certo tipo de temas, não é? Mas aquilo que me parece mais discutível é a decisão em si mesma de dar a entrevista. Claro que o mesmo se poderia dizer de mim, porque é que eu estou aqui a dar uma entrevista... Mas eu estou num mercado completamente diferente. Para já sou privado, estou num setor concorrencial, não pertença a um Órgão de Soberania, não há sequer comparação. E por isso, enfim, faz-me



Cristina Barreira

governativa durante o próximo ano.

aqui alguma confusão. Eu tenho uma visão um bocadinho conservadora relativamente a essas coisas. Acho que militares e magistrados, por força das funções exercidas, estão sujeitos a dever reservas - se não legais pelo menos morais.

**O que espera das eleições da Ordem dos Advogados?**

O que eu espero depende... Quer dizer, temos de esperar um bocadinho para perceber melhor o posicionamento dos candidatos e a lista final de candidatos. O que desejaria era ter uma Ordem mais inclusiva, que aceitasse uma realidade de uma profissão que se faz a várias velocidades...

Refere-se a uma Ordem mais compreensiva para com os escritórios de advogados... uma Ordem que se preocupasse em perceber o que são as firmas, os escritórios de advogados, como é que elas funcionam e o que é que

têm de bom para além das coisas que, necessariamente terão menos boas, como qualquer outra empresa. Gostava de ver uma Ordem inclusiva e preocupada com todos os advogados e não com uma atitude beligerante.

**Acha que a atual bastonária teve essa atitude?**

Não, acho que a atual bastonária defletiu bastante a deriva populista do anterior bastonário, que foi deplorável. Acho que a atual bastonária tem um ponto de vista comportamental, teve uma atitude bastante mais institucional e respeitável. Mas mesmo assim ainda há um caminho enorme para fazer porque se instalou - aliás na linha do populismo reinante em todos os setores da (...) económico e social - esta visão dos bons e dos maus, de quem é grande é mau, de quem tem sucesso é censura... Ou suspeita... Censura talvez, suspeita seguramente. ■